

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Porantim

Class.: ZUR 00025

Data: Set/84

Pg.: 14

### EXPERIÊNCIA

# Dia-a-dia entre os Zuruahã

Depois de quatro anos de contatos regulares, os missionários que acompanhavam os índios do igarapé Coxodoá, no município de Tapauá, AM, puderam fixar morada na maloca. Também puderam fotografar, pela primeira vez, os índios que — agora se sabe — se autodenominam **Zuruahã**. PORANTIM reproduz, nesta página, trechos de duas cartas recentes, escritas por Terezinha Weber, voluntária da Operação Anchieta (Opan), que está morando com os Zuruahã. Ela conta como é o dia-a-dia na aldeia e como a equipe missionária tem procurado superar as dificuldades encontradas no trabalho.

**N**ossa convivência está cada vez melhor, uma vez que conseguimos ficar mais tempo e participar mais, indo nas roças, buscar frutinhas no mato, preparar comida em casa e aquela vida boa de ficar embalando na rede, rodeados da criança que fica direto em cima da gente.

No estudo da língua fizemos enormes progressos. Assim como eles têm o interesse de nos ensinar a sua língua, também há grande interesse em aprender o português.

A grande novidade é que nos parece que enfim sabemos qual a autodenominação deles. Dizem que são **Zuruahã**. Provavelmente são parentes longínquos do grupo **Jamamadi**, portanto do tronco lingüístico **Aruak**. Nas "aulas de geografia" nos deram o nome de todos os rios e igarapés por aqui até Cuniuá (Kuniré), Tapauá (Tabowá) e Purus (Uavá). Também já conseguimos o nome de todos; são 130 pessoas, na maioria jovens. As oito divisões representam os grupos familiares de parentes de linha direta; entretanto, ainda não conseguimos decifrar o conjunto de relações de parentesco. Existem viúvos, viúvas e órfãos, cujos respectivos parentes teriam morrido em consequência de contato com venenos (ou envenenados).

As atividades observadas e participadas geralmente gi-

ram em torno de roça, caça, construções de malocas em tapiri, preparo de armas; e atividades especificamente femininas, como a busca de comida, seu preparo, o cuidado das crianças (e de bichos), a cerâmica e a tecelagem.

Da última vez que estivemos lá aconteceu um fato muito importante e novo. Um dia, numa caçada, um rapaz foi mordido de cobra. Chegando em casa, teve aquele alvoroço, ele chorando e toda família chorando. Como estávamos com a "pedra preta" e com o "Específico", resolvemos aplicá-los. ★ Foi impressionante a aceitação rápida do medicamento e a confiança total em nós. Logo a família dele nos trouxe um tucano que ele havia caçado (primeira vez que recebiamos caça para nós mesmos prepararmos).



Fotos: Cimi/Norte I

As frentes extrativistas ameaçam a paz...

No dia seguinte, para alegria de todos, o rapaz estava melhor. Apenas com a perna muito inchada. Depois disso nos pediam muito para levarmos mais remédio. Temos a esperança de que em pouco tempo pode-se pensar na vacinação.

Já se sabe que a marcha da Funai não foi bem interpretada e mais da metade dos

"servidores públicos" fugiram (cada história que corre por aqui!). Os poucos companheiros de Sabá (NR: *sertanista Sebastião Amâncio*) permaneceram uma só noite por lá, tiveram que dormir fora da maloca, em cima de folha de banana, no meio de chuva, grilos, formigas... E, não podendo detectar indivíduos do sexo oposto (NR: *na "expedição" da Funai — ver PORANTIM n°s 59/60 — não*

havia mulheres), dizem por aqui que a tribo (NR: *dos "brancos"*) é puramente machista.

O encontro com o pessoal de Tefé no Kariri (aldeia deni) não se realizou por defeito do Yamaha, mas os contatos com os índios Deni foram valiosos, sendo que viajamos com o tuxaua do Marrecão e mais outros. (...)

Enquanto isso, a gente vai levando o barco. Às vezes tirando um tempinho para dar umas caçadas, o que está ruço nestas épocas de alagação. O que mais dá é macaco.

Falando em alagação, aconteceu o seguinte: nos últimos dias em que estivemos lá na maloca, choveu muito. E a água do Pretão subiu bem mais do que esperávamos. Assim, para chegar até o porto onde estava a canoa, era trechos nadando, trechos com água até o pescoço. Andamos pela alagação por mais de duas horas. Chegando lá, a canoa com motor e tudo estava debaixo d'água. O jeito foi descer o Pretão de bubuia, pois o motor custou a pegar — só depois de umas 500 correições. Por outro lado, quando a água está baixa, tem o problema de ter que arrastar a canoa por cima dos paus. E haja força nos músculos — depois de algumas xingadas, tudo vai. Às vezes ainda cai também uma boa chuva para refrescar a cuca e afastar o pium, que é infernal. De saúde estamos ótimos. Só Günter que teve uma pequena malária. Quanto a mim, nada. O tratamento de confrei valeu mesmo!



...dos índios risonhos do Coxodoá...



...pela primeira vez fotografados

NR — *Pedra preta: objeto de fabricação estrangeira — belga, em geral — feito de fêmur de boi, com propriedades terapêuticas: colocado sobre o local da picada, ele neutraliza a ação do veneno. Específico Pessoa: remédio industrializado, contra picada de cobra.*